



Ciências Sociais Unisinos

ISSN: 1519-7050

periodicos@unisinos.br

Universidade do Vale do Rio dos Sinos
Brasil

Bezerra Barros, Flávio

Sociabilidade, cultura e biodiversidade na Beira de Abaetetuba no Pará
Ciências Sociais Unisinos, vol. 45, núm. 2, mayo-agosto, 2009, pp. 152-161
Universidade do Vale do Rio dos Sinos
São Leopoldo, Brasil

Disponível em: <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=93812726007>

- Como citar este artigo
- Número completo
- Mais artigos
- Home da revista no Redalyc

redalyc.org

Sistema de Informação Científica
Rede de Revistas Científicas da América Latina, Caribe, Espanha e Portugal
Projeto acadêmico sem fins lucrativos desenvolvido no âmbito da iniciativa Acesso Aberto

Sociabilidade, cultura e biodiversidade na Beira de Abaetetuba no Pará

Sociability, culture and biodiversity in the Abaetetuba "edge" in Pará State

Flávio Bezerra Barros¹
flaviobb@ufpa.br

Resumo

As feiras livres são importantes espaços de socialização e manifestação cultural. Apresentam diferentes funções na vida das sociedades contemporâneas, como a oferta de produtos e serviços, por exemplo. O presente texto faz uma abordagem da feira de Abaetetuba/Pará ("a beira"), focando aspectos da sociabilidade, cultura e biodiversidade e analisando como esses fatores influenciam a vida cotidiana dos atores locais. A observação participante e a realização de entrevistas e conversas informais foram os principais métodos de coleta de dados. A beira, portanto, exerce papel primordial na vida dos sujeitos, pois serve como ponto de fortalecimento das redes de interação social; é coadjuvante no processo de estabelecimento da economia local; colabora para a manutenção da cultura, mediante a oferta de produtos e serviços, particularmente aqueles oriundos da biodiversidade amazônica.

Palavras-chave: cultura, feira livre, Amazônia, biodiversidade, Pará.

Abstract

Open markets are important spaces of socialization and cultural manifestation. They present different functions in the life of the contemporary societies, as it offers products and services, for example. The present text focuses the Abaetetuba/Pará ("the edge") market concerning the aspects of the sociability, culture and biodiversity, and the way these factors influence the daily life of the local actors. The participant observation and the accomplishment of interviews and informal colloquies were the main methods of collection of data. The "edge", therefore, exerts primordial role in the life of the citizens, serving as a point of reinforcement of the nets of social interaction; co-operating in the process of the local economy establishment; maintaining the culture and offering products and services, particularly those deriving from the Amazonian biodiversity.

Key words: culture, open market, Amazonia, biodiversity, Pará State.

¹ Professor da Faculdade de Educação da Universidade Federal do Pará (UFPA), Campus de Altamira. Pesquisador do Laboratório Agroecológico da Transamazônica (LAET). Doutorado em Biologia da Conservação pela Universidade de Lisboa. Rua Coronel José Porfírio, 2515, São Sebastião, 68372-040, Altamira, PA, Brasil.

Isso aqui era uma vila. Muita coisa mudou. A mercearia que existia era para cachaça. Naquela época tinha respeito. Não havia palavrão, nem crime, violência. Eu não mando mais em casa. Filha de 12 anos fica buchuda. Quem fazia filho, pagava. Hoje tem filho de papaizinho, então como pode matar? A lei está acabando. Os políticos falam de educação, mas não sabem o que é educação. Ladrão? Vem gente pra roubar aqui. Tem gente que vem falar do passado. Lembrar das coisas boas. As mulheres vêm buscar conquistar os caras que têm dinheiro. O povo tá dormindo. Com 34 anos casei, com 15 dias fui receber a mulher na casa dela. Meu irmão mais velho pediu aos pais dela. Os pais aceitaram. Depois ouvi uma palestra dos pais que diziam para caprichar, dar roupa para cobrir o corpo dela. Não podia se aproximar dela. Não tinha beijo, chupança de língua. Demorei bastante para ver a ova!² (Sr. Pedro, 72 anos, numa conversa na beira).

Introdução

O presente ensaio faz uma discussão sobre o papel das feiras livres no cotidiano das sociedades contemporâneas e tem como foco o contexto amazônico. Apresentam-se algumas reflexões que vão desde a função desses espaços para a manutenção (até certo ponto) da tradição dos aspectos culturais, até as múltiplas inserções da biodiversidade amazônica na vida dos sujeitos que frequentam esses lugares. Faz-se necessário empregar o termo “até certo ponto”, em face da possibilidade de existência dos processos de aculturação ou das pequenas mutações pelas quais as sociedades passam, ao longo do tempo e do espaço, mediante as diferentes pressões impostas pelo mundo moderno globalizado.

A experiência compartilhada parte de algumas visitas esporádicas realizadas à feira livre, ou, como indicado no título, à beira, em Abaetetuba, município localizado no Nordeste paraense, a 60 km de Belém em linha reta. Abaetetuba é um município que tem forte ligação com as águas e, obviamente, o termo beira faz menção ao fato de a feira estar instalada na beira do rio, mais precisamente na margem esquerda do rio Marataúira (ou Meruú), onde muitas histórias se passam, onde muita gente é feliz, onde as relações são construídas cotidianamente entre cheiros, sabores, cores, paisagens, rostos, conflitos e uma imensa diversidade de tudo, ou quase tudo. Assim, nenhum sujeito diz que vai à feira, mas, sim, à beira.

A localização da feira é de fato estratégica; funciona quase como um “ecótono”³ entre as populações insulares e a comunidade continental, combinada com a dinâmica dos barcos e rabetas no constante movimento de chegada e partida, no vaivém de uma gente que encontra na beira as fontes mais diversas de prover suas necessidades de passadio⁴, mas não só isso. A beira tem um significado tão tácito na vida da maioria das pessoas, que se torna difícil classificar as diferentes funções que este espaço exerce na vida dos sujeitos. O que faz essa feira mais especial é sua existência única, e isso lhe dá ainda mais importância, pois agrega um número maior de atores. Não há feiras nos demais bairros da cidade. Em vista de sua magnitude em tamanho, sua perfeita localização e sua riqueza do ponto de vista da quantidade e qualidade dos produtos e serviços ofertados, torna-se remota a hipótese de surgir outra feira que detenha tamanha relevância.

Muito embora as sucessivas reconstruções do cais por causa da “cobra grande”⁵, ou por outros motivos, suscitem a vontade das autoridades políticas municipais de transferir a feira da beira do rio para outro local, a possibilidade de mudança sempre se traduziu como uma ideia inexequível. Certamente, os homens e mulheres desse pedaço da Amazônia paraense entrariam em guerra pela permanência da feira no seu devido lugar – a beira do rio. Além de estar nesse local, a feira conta também com o comércio formal estabelecido em seu entorno, compondo um verdadeiro complexo constituído pelos mercados do peixe e da carne. Aglutinam-se a esse complexo lojas, farmácias, casas de umbanda, supermercados, lanchonetes e outros estabelecimentos. Os alcoices também integram essa grande rede de serviços. São eles o Castelo de Greisow e o Bico da Chaleira. O mercado do peixe só comercializa pescado, diferente do mercado de carne, que vende, além de carne bovina, suína e de ave, verduras, frutas, farinhas e outros produtos.

Por ser de fato tão importante, funciona todos os dias da semana, desde os primeiros raios de sol até o meio-dia; estende-se um pouco até às treze horas. No domingo, o funcionamento ocorre com menor intensidade, em detrimento de a maioria das bancas não abrirem, para o justo descanso dos feirantes.

² O termo palestra, empregado no discurso, faz referência às recomendações apresentadas pelos pais da moça. A palavra ova simboliza as partes íntimas da mulher, nomeadamente o órgão genital.

³ Termo emprestado da Ecologia, que significa uma região de transição entre ecossistemas diferentes.

⁴ Passadio: termo utilizado para se referir aos mantimentos que suprem as necessidades alimentares do dia a dia das pessoas, como a carne, arroz, feijão, farinha, peixe, caça etc.

⁵ Lenda da cobra grande: esta lenda conta que existe uma cobra grande que se estende (rabo) desde o fundo da Ilha da Pacoca até a Igreja de Nossa Senhora da Conceição (cabeça), passando pela feira, de tão grande que é. Por tal motivo, a ilha, durante muito tempo, foi desabitada; atualmente, algumas pessoas estão se encorajando para ir lá morar. Quem conseguir encontrar a cobra, cortar o seu rabo e pingar três gotas de sangue do dedo do descobridor, fará o réptil se transformar numa bela moça. Nesse dia, a igreja afundará e reaparecerá no lugar da ilha. O fato de várias vezes o cais ter sido reformado remete ao movimento da cobra, fato que ocasiona danos a esse local. A lenda da cobra grande está presente em toda Amazônia, região onde é contada de diferentes modos nos diversos lugares.

Feira livre: origem, conceitos e seus diversos papéis

As feiras livres, como uma das estruturas responsáveis pelo abastecimento alimentar das cidades brasileiras, se fazem presentes desde o nosso passado colonial, como uma importante tradição cultural ibérica implantada pelo colonizador (Santos, 2005).

Vários conceitos e significados são atribuídos às feiras livres, dependendo de que sujeito pensa esta feira e de em que lugar esta é pensada. Diante da rica diversidade cultural, biológica e das grandes redes de relações sociais que se estabelecem nesses espaços no contexto brasileiro, as feiras livres no Brasil assumem diferentes funções. Segundo Godoy e Anjos (2007), elas são uma tradicional modalidade periódica de comércio varejista, dispersas no espaço e no tempo, cada qual com a sua relevância e magnitude peculiar. Mascarenhas (2005) conceitua as feiras livres como uma modalidade de mercado varejista ao ar livre, de periodicidade semanal, organizada como serviço de utilidade pública pela municipalidade e voltadas para a distribuição de gêneros alimentícios e produtos básicos.

Partindo das ideias dos autores anteriormente anotadas, sobre a função da feira livre que assume um papel primordial de provedora de serviços e produtos, e que contribui fortemente para a dinâmica da economia local, defende-se a ideia de que a feira, no contexto de Abaetetuba, assume outros papéis igualmente fundamentais na vida dos sujeitos participantes desse espaço de sociabilidade. Várias categorias de significados podem, dessa forma, ser apresentadas.

Em Abaetetuba, a feira livre pode funcionar como um *locus* de lazer. As pessoas vão à beira para encontrar os amigos, para conversar sobre os mais diversos assuntos, dentre eles religião e política; amiúde, também serve como local para divulgar segredos alheios, e até para conquistar namorado/a. As prostitutas, ou mesmo “garotas de programa da beira”, para usar um termo mais moderno, encontram lá um nicho favorável para investir em programas com homens que lhes possam render algum dinheiro. Como disse Sr. Pedro:

[...] Aqui tem ladrão que vem pra roubar. Tem gente que vem pra falar do passado, lembrar das coisas boas. As mulheres vêm conquistar os caras que têm dinheiro [...].

Alguns aspectos de Abaetetuba

Abaetetuba está situada na Microrregião de Cametá, que abrange os municípios de Cametá, Baião, Igarapé-Miri, Limoeiro do Ajuru, Mocajuba e Oeiras do Pará, esta, por sua vez, inserida na Mesorregião do Nordeste paraense. O município tem uma extensão de 1.611 km² (IBGE 2007 *in* Machado, 2008) e é considerado um dos menores municípios do Pará. Possui as seguintes coordenadas geográficas: 1°43'31" de latitude Sul, e 48°53'21" de latitude Oeste; é formado pelos distritos de Abaetetuba (sede) e a Vila de Beja (Machado, 2008).

A palavra Abaetetuba, de origem Tupi, segundo a tradição popular, se decompõe da seguinte maneira: aba (homem), ete (forte, verdadeiro), tuba (lugar de abundância). O significado, portanto, é: lugar de homens e mulheres fortes e valentes. Conta com, aproximadamente, 72 ilhas, cujos principais transportes são as rabetas, canoas e barcos. Por dispor de uma quantidade muito grande de bicicletas, aproximadamente 82 mil, foi apelidada de China brasileira (Pastoral do Menor de Abaetetuba, 2008).

A economia está baseada, principalmente, nas atividades da pesca, do extrativismo, sobretudo do açaí, e na agricultura. Segundo um funcionário da Prefeitura Municipal, que trabalha no mercado do peixe, são desembarcadas, diariamente, cerca de 10 toneladas de pescado; uma parte fica no município e a outra é distribuída para cidades vizinhas e Belém. O açaí é outra produção importante. O mesmo local em que funciona a feira, pela manhã, no período da tarde, transforma-se num estacionamento de caminhões, que encostam diariamente para fazer o carregamento do açaí, o qual, em épocas de produção, chega todos os dias das ilhas. Segundo alguns entrevistados, a maior parte dessa produção não permanece no município; é enviada, principalmente, para Belém e para outras cidades vizinhas.

Vários rios estão inseridos na hidrografia do município. São eles o Tocantins, o Marataúira, o Arapapu, o Acaraqui, o Piquiarana, o Tucumanduba, o Caripetuba, o Xingu, dentre outros. A maioria é navegável.

Percursos metodológicos

Feiras sempre são um atrativo de visita em qualquer lugar em que se possa estar, seja na condição de turista, morador ou outra. Quando se trata das feiras amazônicas, o desejo de ali estar se faz ainda mais forte, já que as feiras livres são um modo riquíssimo de conhecimento da cultura popular de um povo.

O contato com a beira de Abaetetuba ocorreu por meio de uma missão de ensino na Universidade Federal do Pará (UFPA), que possui um Campus Universitário estabelecido naquele município. A fim de compreender a função da beira na vida dos sujeitos desse lugar, este articulista elaborou um plano de investigação, a partir de uma primeira visita feita ao local.

A metodologia utilizada foi a observação participante, as entrevistas semiestruturadas com feirantes, fregueses, pessoas que frequentam a feira e estudantes do Curso de Pedagogia da UFPA. Foi também realizada uma pesquisa documental.

A observação participante é uma metodologia elaborada principalmente no contexto da pesquisa antropológica. Trata-se de estabelecer uma adequada participação dos pesquisadores dentro dos grupos observados, de modo a reduzir a estranheza recíproca. Os pesquisadores são levados a compartilhar os papéis e os hábitos dos grupos observados para estarem em condição de observar os fatos, as situações e os comportamentos que não ocorrem ou que são alterados na presença de estranhos (Martins, 1996). Foi Malinowski (1978) quem sistematizou as regras metodológicas para a pesquisa antropológica: a ideia que caracterizava o método era a

de que apenas mediante a imersão no cotidiano de outra cultura que o antropólogo pode chegar a compreendê-la.

De fato, um mergulho no cotidiano dos sujeitos da beira possibilitou compreender e apreender características que de outro modo não seriam viáveis, ou seja, permaneceriam ignotas. Para isso, foi deixado claro que o papel do pesquisador não era o de fiscal da Prefeitura, nem do Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis (IBAMA). Na maior parte das vezes, foi explicitada e dada visibilidade à verdadeira intenção: conhecer os diversos aspectos da beira de Abaetetuba. Com esse intento, foi possível caminhar pelos diferentes lugares da feira, para compra de produtos, para comer, beber, entrevistar, participar de rodas de bate papo e para observar tudo e todos. Com exceção de um vendedor de ervas que se recusou a falar sobre seu trabalho, todos os outros sujeitos se mostraram extrovertidos e contribuíram de modo satisfatório com a pesquisa. A hospitalidade foi tanta que algumas pessoas fizeram convite para visitar suas casas, com frases do tipo: *se você ficasse mais te levaria na minha casa para conhecer a região das ilhas, tomar um açaí e dormir na rede*.

Como diz Martins (1996, p. 268):

Um dos pressupostos da observação participante é o de que a convivência do investigador com a pessoa ou grupo estudado cria condições privilegiadas para que o processo de observação seja conduzido e dê acesso a uma compreensão que de outro modo não seria alcançável. Admite-se que a experiência direta do observador com a vida cotidiana do outro, seja ele indivíduo ou grupo, é capaz de revelar na sua significação mais profunda, ações, atitudes, episódios, etc... que, de um ponto de vista exterior, poderiam permanecer obscurecidas ou até mesmo opacas.

As observações e entrevistas eram anotadas num diário de campo e, logo que possível, transferidas de modo sistematizado para o computador. As observações se iniciavam por volta das 7h, prolongando-se até às 11h.

A entrevista, como ferramenta metodológica, necessitou ser previamente estudada, do ponto de vista da abordagem das questões. Aspectos analisados antes de realizar essas entrevistas foram: de que forma fazer, qual o tamanho da amostra, que tipo de sujeito deveria responder, qual o tempo da entrevista, dentre outras reflexões necessárias. Para tanto, foram questionados desde jovens até idosos, feirantes e ambulantes, fregueses e andarilhos. Fora da beira, como já mencionado, foram entrevistados os estudantes de Pedagogia da UFPA. Não foi usado o gravador. Os nomes utilizados no texto são fictícios, a fim de manter o anonimato dos informantes.

As perguntas serviram, basicamente, para iniciar o diálogo, que, por sua vez, se transformava em conversas informais. Quando tendiam para apenas um assunto, como política ou religião, por exemplo, era feita a tentativa de reverter a situação, explorando outros temas.

À luz dos pensamentos de Geertz (1997), o recurso hermenêutico também foi essencial para compreender os significa-

dos diversos das palavras empregadas nos falares em contextos específicos e com sentidos distintos. A partir desses recursos e do contexto estudado, o texto etnográfico é o produto materializado do estudo, ou seja, é uma reelaboração das experiências vivenciadas, um resultado da interação que se estabeleceu entre o pesquisador e o fenômeno investigado. Muito embora esse produto seja questionável e, pode-se dizer em metáfora, encharcado de impressões que, muitas vezes, podem não traduzir na íntegra a realidade do fenômeno social estudado, esse produto se constitui muito mais como um recorte da realidade, limitação que a pesquisa participante tenciona diminuir. Augé (2007), nesse sentido, ao escrever sobre a antropologia da supermodernidade, enfocando a questão dos não lugares, afirma que a antropologia sempre foi ligada ao aqui e ao agora. E continua...

O etnólogo em exercício é aquele que se encontra em algum lugar (seu aqui do momento) e que descreve aquilo que observa ou escuta naquele momento mesmo. Sempre se poderá questionar, em seguida, a qualidade da sua observação e as intenções, os preconceitos ou os outros fatores que condicionam a produção de seu texto; o fato é que toda etnologia supõe um testemunho direto de uma atualidade presente (Augé, 2007, p. 14, grifo nosso).

Assim, com base nos propósitos apresentados neste estudo e posteriormente a partir dos anseios colocados pelos atores inquiridos, exercitou-se a condução desta pesquisa, tendo como pano de fundo a reflexão de Brandão, que diz que:

É necessário que o cientista e sua ciência sejam, primeiro, um momento de compromisso e participação com o trabalho histórico e os projetos de luta do outro, a quem, mais do que conhecer para explicar, a pesquisa pretende compreender para servir (Brandão, 1984 in Martins 1996, p. 269, grifo nosso).

Velho (1987 in Martins 1996, p. 270), por sua vez, ao refletir acerca do caráter da subjetividade do pesquisador no trabalho etnográfico, enfatiza:

A 'realidade' [...] sempre é filtrada por determinado ponto de vista do observador, ela é percebida de maneira diferenciada. [...] não estou proclamando a falência do rigor científico no estudo das sociedades, mas a necessidade de percebê-lo enquanto objetividade relativa, mais ou menos ideológico e sempre interpretativo.

Pertencimento e aspectos organizacionais e de higiene

A beira de Abaetetuba tem um papel indiscutível na vida dos abaetetubenses, sejam eles feirantes, fregueses, ou mulheres da vida. Abaetetuba sem a sua feira não seria a mesma. Segundo as observações possibilitadas, a feira apresenta as seguintes funções na vida dos que dela dependem: (i) oferecer produtos (desde a galinha viva ou abatida na hora, até pães, carnes, frutas, calçados,

roupas, plantas medicinais e ornamentais, farinhas, camarão etc.); (ii) oferecer serviços (lanches, barbeiros, refeições, carregadores etc.); (iii) espaço de trabalho (feirantes, vendedores itinerantes, pescadores, carregadores etc.); (iv) espaço de difusão cultural (culinária, artesanato, lendas, artefatos etc.); (v) lazer (passear, conversar, ver o movimento).

Para alguns feirantes entrevistados, existe uma relação de pertencimento muito forte com a beira. Alguns trabalham desde a fase de criança, quando já acompanhavam os pais na profissão de feirante. Para muitos atores desse cenário antropológico, a beira é um lugar abençoado porque fornece, por meio do trabalho, o sustento da família. A convivência e as amizades que nela se constroem também têm um significado importante na vida das pessoas.

Grande parte dos feirantes traz seus produtos diretamente da propriedade, enquanto outros compram dos produtores para revender. Neste sentido, a feira assume um papel essencial para o fortalecimento da economia local, sobretudo para a manutenção da cadeia produtiva e para a obtenção de renda no âmbito da agricultura familiar. Cita-se o exemplo do depoimento de Dona Maria, vendedora de farinha:

Gosto muito da feira e aqui eu sou feliz. Chego todos os dias com o meu marido por volta das 5h da manhã. No entanto falta incentivo dos políticos e a valorização porque os feirantes dão futuro à cidade.

Dona Maria frequenta a feira desde os cinco anos de idade, quando já acompanhava os pais nessa atividade. Na entrevista, percebeu-se que ela falava da feira com muita propriedade e satisfação, como se esse espaço fosse uma extensão da sua própria casa. Entretanto, relatou que necessita haver mais organização, segurança, limpeza e que os políticos devem dar mais assistência ao lugar, pois tem clareza do papel que a feira exerce na economia local, como se pode observar no seu relato.

Cada feirante paga diariamente uma taxa de R\$ 0,50 (cinquenta centavos de real) para a Prefeitura. Os fiscais passam recolhendo este valor e emitem recibo. Como em outros municípios brasileiros, o gerenciamento e a fiscalização da feira estão a cargo da Prefeitura Municipal, que é responsável pela manutenção dos espaços, emissão de autorização aos vendedores, regras de higiene etc. Pelo que é possível perceber, na prática, a função dos fiscais é muito mais a de recolher as taxas diariamente dos feirantes. Não há qualquer tipo de intervenção em relação aos aspectos de higiene, organização, venda de carne de animais silvestres e espécimes vivos da fauna brasileira, como, por exemplo, pássaros que são vendidos em pequenas gaiolas. Na ocasião das entrevistas foi possível comprar, por R\$ 5,00 (cinco reais), um curió numa pequeníssima gaiola, pássaro que foi libertado logo a seguir. Se é função da Prefeitura fiscalizar, devem ser dela as intervenções de combate aos crimes ambientais, previstos na Lei Federal 9.605, de

12/02/1998. Se cabe ao IBAMA fazer esse tipo de controle, deve o município atuar como parceiro nesse tipo de estratégia, por meio de sua Secretaria de Meio Ambiente.

A organização das bancas é feita por tipo de produto, ou seja, existem os setores das carnes, incluindo aí as carnes de caça e pescado, das farinhas, das frutas e das verduras, do camarão, das roupas e dos calçados, e, ainda, as bancas improvisadas (um tijolo, uma caixinha, uma pequena mesa, uma caixa de papelão), que ficam no meio da rua, entre as demais bancas.

As condições de higiene são precárias e visíveis: os pães são vendidos em cestos de palha sem nenhum tipo de proteção, os restos de comida que sobram dos pratos nas barracas de refeição são jogados dentro do rio, as embalagens retiradas dos frangos congelados são amontoadas atrás das bancas, assim como os pedaços de carne descartados pelos vendedores, bem como vísceras de peixe e outros restos de produtos orgânicos. Esses procedimentos descuidados e perigosos para o ambiente e para a saúde acaba por atrair muitos urubus e implica odores desagradáveis em alguns locais da feira, o que torna o espaço insalubre para atividades dessa natureza.

Não se encontram, em toda a extensão da feira, recipientes apropriados para contenção do lixo, nem tampouco algum tipo de orientação nesse aspecto, por parte do governo local. Muitos dos produtos perecíveis, como peixe e carne, são embalados em jornais, o que, do ponto de vista sanitário, é inadequado. O café servido em algumas bancas é feito na hora. Há um coador que fica afixado na parte mediana da banca, mais ou menos na altura do alcance das mãos do vendedor. Ao seu lado, há, ainda, uma pequena bacia com um pouco de água, que serve para um rápido mergulho do copo sujo (ou usado), ação que significa ter sido lavado.

A água utilizada para lavar os alimentos que são preparados para o consumo na beira não é proveniente do rio. Os vendedores retiram a água de um cano improvisado que fica na altura do chão. Justificaram a falta de torneiras, alegando que essas são furtadas ou danificadas pelos fissurados⁶ que frequentam o espaço durante a noite.

Uma feirante relatou que, no governo municipal anterior, os fiscais constantemente faziam vistorias e recorrentemente tiravam as comidas dos vendedores e jogavam no lixo, alegando falta de higiene e as condições insalubres dos locais, sem, contudo, apontar saídas.

Existe o Sindicato dos Feirantes de Abaetetuba, em que cada associado paga uma taxa mensal de R\$ 2,00 (dois reais). Este é o fórum de organização e discussão dos direitos e deveres desses atores.

Amor, paixão e fantasias sexuais: na beira tem

Um certo dia, uma moça que trabalha como vendedora de mingau de açaí com arroz, numa conversa informal, entre risos e

⁶ Referem-se aos usuários de drogas que frequentam o espaço da beira durante o período noturno.

descobertas, disse que os homens vêm à feira fazer compras. É o que eles comunicam às suas mulheres. Na verdade, utilizam a beira, e, não obstante, a suposta necessidade de comprar algo como um reforço, como justificativa para virem à beira. Na beira, ponto de convergência de inúmeros produtos e serviços, as meninas, ou garotas de programa, ou até, quem sabe, as conhecidas, vizinhas talvez, são o verdadeiro motivo da vinda desses homens ao local. Esses homens vêm das ilhas ou podem ser mesmo da cidade. As garotas podem estar na feira ou em outros pontos do seu entorno, sempre à espera de um programa que possa lhes render algum trocado. Essas meninas são meninas de fato, ou seja, adolescentes, e, por sinal, muito novas; também podem ser mulheres adultas.

Alguns mototaxistas oferecem meninas a partir de 12 anos para fazer programas, o que, certamente, causa espanto. Os bordéis mais conhecidos e que integram o complexo da feira são o Castelo de Greisow e o Bico da Chaleira. Nem sempre esses encontros são casuais e com caráter de um serviço. Casos de amor clandestinos podem ser duradouros, podem se dar a mostrar de forma mais explícita; aí a clandestinidade perde seu efeito literal para toda a comunidade, menos para quem não quer ver, geralmente a esposa. A feira, portanto, é um lugar fértil para se alimentar fantasias, desejos contidos não realizados dentro de casa. É a feira, pois, neste caso específico, que contribui com as ambiguidades da vida cotidiana de Abaetetuba: por um lado, fortalecendo a economia local, no sentido de enxergar esses processos do ponto de vista lucrativo (desde as mulheres que ganham renda, até os motéis que geram empregos); por outro, contribuindo para uma atividade ilícita que põe em causa a vida de meninas menores, que deveriam estar inseridas noutras ações condizentes com sua faixa etária. São as discórdias familiares, as doenças, os crimes, os amores, as paixões, os desejos, as alegrias, as tristezas, todos os dias reinventando a vida na beira de Abaetetuba.

As mulheres casadas, por sua vez, não consideradas mulheres da vida pela sociedade local (vale relativizar essa negação, pois, para as ditas puritanas, beatas de Igreja, elas são, sim, mulheres da vida, porém com uma outra roupagem), de uma maneira mais perspicaz, principalmente porque inexistente o pagamento por um serviço ofertado, igualmente utilizam a feira como pretexto para dar vazão aos desejos sexuais. O sonho de ter um companheiro/companheira que preencha outras faltas pode se juntar aos anseios sexuais. Qualidades como ser belo, ser carinhoso, ser bom de papo, cheiroso, dentre muitos outros, se conectam e fazem com que homens e mulheres descubram um mundo não vivido.

Biodiversidade e cultura? Na beira tem

Ao longo dos séculos, em particular, a partir da Revolução Industrial, tem havido um afastamento entre o modo de produção do conhecimento típico da sociedade industrial – nas universidades e instituições de pesquisa – e a lógica da criação de saberes das sociedades tradicionais. Esse afastamento ocorre em consonância com o papel que a ciência assumiu na modernidade,

com destaque para a intrínseca relação entre ciência–tecnologia–produção–acumulação de capital (Sayago e Bursztyn, 2006).

Em pleno limiar do século XXI, não é plausível não perceber a importância que as populações tradicionais desempenham na manutenção dos ecossistemas planetários e consequentemente, na conservação da biodiversidade. Cultura e biodiversidade são elementos indissociáveis, que não evoluem sozinhos. Muitos estudos (ver, por exemplo, Bensusan, 2006) têm apontado o papel crucial que as sociedades que possuem modos de vida de baixo impacto exercem sobre a biodiversidade. Há, inclusive, registros de perda de diversidade biológica em locais onde as populações foram retiradas de seus territórios, como no caso das expulsões de comunidades inteiras de áreas que se transformaram em parques, por exemplo, na África e em outras regiões de megabiodiversidade.

Tais populações detêm um vastíssimo conhecimento sobre a natureza local, sobretudo no que se refere aos diferentes usos dos recursos naturais na alimentação, na construção de habitação, como remédio, como adornos, dentre outras formas de utilização.

É relevante destacar, nesse sentido, o papel que os conhecimentos tradicionais das comunidades tiveram e têm para as pesquisas científicas, diminuindo o tempo de estudo pelos cientistas das funções diversas que as várias espécies apresentam. Infelizmente, nem sempre tais conhecimentos são devidamente valorizados e protegidos, o que denota uma sobreposição dos conhecimentos científicos sobre os etnoconhecimentos, com objetivos práticos que atendem, primordialmente, os interesses do capital. O Brasil, como exemplo de país ícone de megabiodiversidade, está no alvo das grandes multinacionais, que vivem em busca de descobertas que lhes possam render altos lucros. Muitas vezes, os benefícios (lucros) oriundos do uso dos recursos naturais de maneira sofisticada (na forma de produtos industrializados) com base nos conhecimentos tradicionais das populações não são devidamente compartilhados.

Na feira de Abaetetuba, percebe-se claramente como a biodiversidade está presente na vida dos diferentes atores, sejam eles moradores da cidade ou do campo. Essa biodiversidade, transformada no tempo e no espaço, traduz a riqueza do ambiente amazônico na sua natureza profunda e diversa e no seu aspecto cultural. O homem e a natureza se tornam entidades intrinsecamente ligadas e interdependentes, como numa espécie de simbiose. Younés e Garay (2006, p. 63) reforçam que:

A percepção humana do meio ambiente é função dos laços entre os estímulos sensoriais, a estruturação cognitiva da informação e as modulações culturais, produzindo experiências e valores relativos a este meio ambiente. Os processos psicológicos, as tradições sociais e os valores culturais afetam profundamente as vias pelas quais os indivíduos percebem as espécies em um dado ecossistema e, inclusive, o ecossistema como uma totalidade.

Na beira, é possível beber o mingau de açaí (*Euterpe oleacea*), comer tapioca quentinha (derivado da mandioca, *Manihot esculenta*), tomar suco de cupuaçu (*Theobroma grandiflorum*),

taperebá (*Spondias mombin*), bacuri (*Platonia insignis*), muruci (*Byrsonima sericea*). É igualmente possível encontrar esses frutos transformados em outros produtos, como sorvete, bolos, tortas, cremes, xampu. Quem quiser comer uma carne de paca (*Agouti paca*), anta (*Tapirus terrestris*), queixada (*Tayassu pecari*), pato (*Cairina moschatta*), galinha (*Gallus gallus domesticus*), encontra-as ali (coloquialmente falando, na beira tem) (ver Tabela 1 com alguns exemplos e preços). A questão do comércio de carne de animais silvestres em plena feira livre é um assunto que merece destaque, pois algumas das espécies vendidas são ameaçadas de extinção, o que pode, futuramente, causar o desaparecimento desses animais no município. Por outro lado, o costume de comer carne de caça pode se configurar como um retorno às tradições antigas para os sujeitos que migraram das ilhas para a cidade. Esse fato, do ponto de vista legal e ambiental, não serve como justificativa, pois a opção de morar na cidade compreende *a priori* assumir o modo de vida desse lugar. Às populações tradicionais, que têm na atividade da caça uma das fontes de subsistência, é

aceitável, por parte dos órgãos fiscalizadores do meio ambiente, o consumo desse tipo de alimento, mesmo em áreas protegidas de uso sustentável. O que decorre é que esse tipo de comércio pode colocar em xeque os estoques de caça, inclusive, das populações locais, aquelas que vivem em sistemas de baixo impacto e que pouco dependem de produtos industrializados.

Para os que se encontram doentes física ou espiritualmente e confiam no poder das plantas medicinais, é a beira o melhor local para serem obtidos tais remédios. Mas é possível, ainda, encontrar na beira de Abaetetuba inúmeros produtos da biodiversidade amazônica, desde brinquedos (como aqueles feitos da árvore do miritizeiro, *Mauritia flexuosa*) até óleos, utensílios para casa, adornos, móveis etc.

O açai, fruto da árvore do açazeiro (*Euterpe oleracea*), também conhecido como juçara no Estado do Maranhão, é bastante apreciado em toda a Amazônia; faz parte da dieta de comunidades locais, sobretudo as ribeirinhas (Murrieta *et al.*, 2004, 2008). Muitas vezes, é a principal fonte de obtenção de

Tabela 1: Etnoespécies de peixe (comercializadas no Mercado do Peixe) e mamíferos e répteis (comercializados na beira), Abaetetuba, Pará.
Table 1: Ethno-species of fish (commercialized in the fish market) and mammals and reptiles (commercialized in "edge"), Abaetetuba, Pará State.

Etnoespécies (peixe)	Preço por kg (em R\$)	Etnoespécies (mamífero e réptil)	Preço por kg (em R\$)
Mapará	2,50	Paca	12,00
Pescada branca pequena	1,50	Tatu	12,00
Pescada branca grande	4,00	Anta	Sem informação
Pescada amarela	7,00	Capivara	6,00 – 7,00
Sarda	4,00	Viado	12,00
Piau	2,00 – 3,00	Queixada	Sem informação
Curimatá	4,00	Mucura (gambá)	Sem informação
Aracu	2,00	Jacaré	8,00
Cachorro do padre	2,50	Cobra	Sem informação
Tramatá	2,50	-	-
Cascudo/camboja	2,50	-	-
Gó (filé)	5,00	-	-
Xaréu	5,00	-	-
Filhote	6,00	-	-
Dourada	6,00	-	-
Pirapitinga	6,00	-	-
Curimatá	4,00	-	-
Cari	5,00	-	-
Cará açu	1,00	-	-
Cari cachimbo	2,00	-	-
Pacu pequeno	2,00	-	-
Tuí	8,00	-	-

Fonte: Entrevistas.

energia e, por ser tão importante na vida do homem amazônico, faz-se aqui um destaque especial. Trata-se de uma fruta rica em proteínas, fibras, lipídios, vitaminas dos tipos C, B1 e B2, além de fósforo, ferro e cálcio. Na beira, pode ser encontrado em diferentes versões: mingau de açaí com arroz, sorvete, vinho⁷ e o açaí moído com água, para ser bebido sozinho (ainda assim adiciona-se, geralmente, açúcar ou farinha) como uma refeição ou como acompanhamento. A importância do açaí pode ser percebida a partir do depoimento do Sr. José (vendedor itinerante):

O animal silvestre é mais gostoso do que a carne normal. O açaí tem que estar presente na refeição senão a refeição não é completa. A carne de caça tem que ser salgada para acompanhar o açaí porque sendo salgada fica mais gostoso, o açaí no caso.

Por esse motivo, o açaí está presente em todos os lados da beira e faz parte da vida do povo; supre as pessoas de energia, alimenta crianças e adultos, sem haver hora nem lugar. O açaí, gelado ou quente, sempre faz bem. Há pessoas que vão à feira apenas para tomar o famoso mingau de açaí com arroz, que custa apenas R\$ 1,00 (um real). Algumas bancas servem esse mingau, aonde as pessoas logo cedo se dirigem para tomar o açaí, pois acreditam que, assim, terão "sustância"⁸ para iniciar o dia. Além disso, do açaí, quase tudo se aproveita: desde as palhas até o palmito, passando pelas sementes que servem para fabricação de adereços. É, portanto, por assim dizer, uma planta cultural, com muitas finalidades na vida do homem e da mulher da Amazônia.

Outro destaque merece o miritizeiro (*Mauritia flexuosa*), também conhecido como buritizeiro. Esta palmeira brasileira tem um papel marcante na economia local, fazendo Abaetetuba ser reconhecida como a cidade dos brinquedos de miriti. É difícil não perceber, em qualquer lugar desse pedaço da Amazônia, a transformação dessa planta em brinquedos, canoas, promesseiros, mensageiros do vento e muitas outras imagens que revelam a riqueza cultural e social do lugar. Na beira, o miriti também se faz conhecer. Pode ser encontrado ainda transformado em tipiti, uma espécie de artefato que, quando pequeno, serve para enfeitar a casa; quando médio, tem a função de extrair o azeite da andiroba; e, de tamanho grande, serve para auxiliar na preparação da farinha de mandioca.

Outros exemplos não menos importantes podem ser destacados: (i) o breu⁹ que é retirado de diversas espécies de árvores da região, e que serve, dentre outras utilidades, para calafetar canoas e barcos, bem como para acender fogo; (ii) o farelo do coco babaçu (*Orbignya speciosa*), o qual serve como isca para capturar camarão.

Todos esses produtos, nascidos e derivados da biodiversidade amazônica, contam a trajetória de séculos de sabedoria acumulados ao longo do tempo e que até hoje dinamizam o cotidiano dos sujeitos. Revelam os modos de vida do homem e da mulher

amazônicos, mesmo que indiretamente. Eles são a constatação de que a relação ser humano e natureza gera conhecimentos (Figura 1), por conseguinte, originam produtos que, no caso específico da feira, atuam como sustentáculos da economia local e da obtenção de renda para muitas famílias.

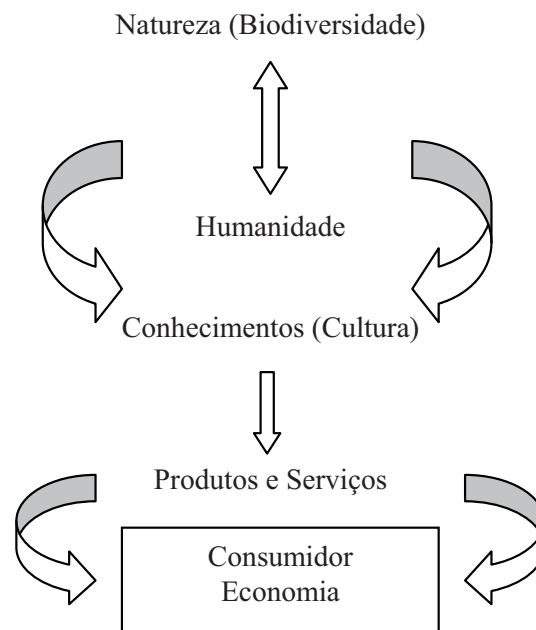


Figura 1: Esquema demonstrativo do papel da relação natureza x ser humano na produção da cultura e da economia.

Figure 1: Diagram demonstrating the role of the relation nature vs. human being in the production of culture and economy.

Relações sociais na beira de Abaetetuba

Marx disse: A dependência da sociedade para com a natureza não significa que o mundo dos homens esteja submetido às mesmas leis e processos do mundo natural. Sem a reprodução biológica dos indivíduos não há sociedade; mas a história dos homens é muito mais do que a sua reprodução biológica. A luta de classes, os sentimentos humanos, ou mesmo uma obra de arte, são alguns exemplos que demonstram que a vida social é determinada por outros fatores que não são biológicos, mas sociais (Lessa e Tonet, 2008, p. 17).

A passagem de texto de Marx convida a refletir que, para além de sujeitos biológicos, somos indivíduos sociais. Assim, se a justificativa do Sr. Francisco para ir à beira é a compra do açaí que

⁷ Vinho, neste sentido, tem o mesmo significado de suco.

⁸ Força, vigor, energia moral.

⁹ Espécie de resina que é retirada de algumas espécies florestais amazônicas, ou que cai naturalmente das árvores no interior da floresta.

está faltando para alimentar a família, ao chegar a esse espaço deixa de sê-lo. Deixa de ser justificativa porque a verdadeira razão da vinda à beira é a possibilidade de encontrar os amigos, de conversar sobre outros assuntos e, quem sabe, arranjar uma mulher que o conduza ao prazer há muito inexistente dentro de casa.

A beira de Abaetetuba desempenha um papel fundamental como espaço de lazer e de aprofundamento dos laços entre os sujeitos. É possível registrar as relações que são estabelecidas entre os feirantes e os fregueses, as quais resistem ao tempo e às crises econômicas. A fidelidade pode ser tanta que não importa se os preços dos produtos estejam mais caros em outras bancas; sempre é possível negociar os preços para que o freguês não fique descontente.

Entre os vendedores, a relação de convivência nem sempre é amistosa, mas há que se tolerar. Entretanto, o que permanece são as relações de boa vizinhança, pelas quais os donos das bancas podem se ajudar mutuamente.

Outro tipo de relação que se estabelece é quanto ao nível da organização do trabalho familiar. Os membros da família participam de modo integrado (em que cada um exerce qualquer tipo de função) ou diferenciado da atividade (cada um é responsável por uma função específica). Nas barracas de comida, por exemplo, geralmente são as mulheres as responsáveis pela elaboração do alimento, e cabe aos filhos receber o pagamento, além de passar o troco. Esse tipo de organização do trabalho traz alguns benefícios, como a execução de parte da atividade que é feita por membros do grupo familiar, evitando gastos com terceiros e aumentando o lucro dos serviços ou produtos ofertados. Além disso, há a confiança, que, segundo alguns entrevistados, é mais forte entre os familiares.

Embora todos estejam ali, numa espécie de ritmo frenético, como numa festa, na feira livre, o protocolo pode ser quebrado, como disse Marcos (um entrevistado citado por Sato, 2007). Sato (2007, p. 97) acrescenta:

Para isso um palco é criado: a chegada dos feirantes na madrugada trazendo seus equipamentos, mercadorias e montando suas bancas vai, paulatinamente, construindo também vitrines. Após algumas horas um espaço protegido, circunscrito pelas bancas, dá o substrato para os fazeres e interações sociais que ali têm lugar.

Ao passar pela beira, comumente se ouvem termos que, para os de fora, podem parecer desagradáveis ou empregados de maneira inoportuna, mas que fazem parte do falar cotidiano dessa gente que frequenta o lugar. O termo "vizinho" é fortemente utilizado para tratar o outro, seja pelo feirante em relação ao freguês, seja entre os próprios feirantes. Mas, entre os vizinhos de fato, este termo também é utilizado, sendo que muitas vezes não se sabe os nomes desses vizinhos.

Termos como "ladrão", "perigoso", "filho da puta", "corno" são comumente utilizados como expressões de tratamento entre os homens, mas nenhum desperta o sentimento de hostilidade entre os sujeitos.

As expressões "só o creme" e "só o charque" são, com frequência, empregadas para as mulheres cujos homens as destaquem como bonitas e atraentes; portanto, na beira de Abaetetuba, não é raro se ouvir frases do tipo: "Olha...é só o creme!" Entretanto, é importante destacar que o primeiro é utilizado também para indicar o peixe fresco, gordo, de boa qualidade. No mercado do peixe, existem várias placas de preço com o escrito: "só o creme!".

Como não existe protocolo, chamar os fregueses de "meu querido" ou "minha querida", "meu amor" não constitui desrespeito, mas um modo amigável de atrair o cliente. O mesmo acontece com o se meter na conversa alheia.

Observou-se que a segregação entre homens e mulheres é pouco frequente; existe mais burburinho entre os gêneros específicos quando os assuntos são mais voltados para a temática de interesse de cada grupo. Entre os homens mais idosos, esses só conversam entre si, e isto pode indicar valores trazidos da educação de outrora. Para os curiosos, que querem saber como anda a venda, os preços e, ainda, se quiserem "descarregar mau humor" (como dizem alguns), é a beira o cenário ideal, como pode ser observado na fala de D. Maria: "Tem gente que vem aqui saber se a venda está boa, perguntar sobre os preços, investigar se o movimento está bom, chingar as pessoas, fofocar".

A beira de Abaetetuba, não obstante, se constitui ainda como espaço de debates e de amplas reflexões, traduz-se como uma roda viva para se discutir política, educação, religião, dentre outros assuntos. Alguns relatos a seguir revelam a leitura que alguns sujeitos fazem sobre diferentes assuntos:

Venho aqui desde pequena e sou feliz. Mas falta incentivo dos políticos e valorização porque os feirantes dão futuro à cidade. Falta organização. Isso aqui é arriscado. Antigamente eles tiravam as comidas das pessoas que vendiam, e jogavam fora, no caso os fiscais. Veja agora o país como está. Na época de FHC era muito ruim, o dinheiro não dava pra nada. Hoje, com Lula, já não falta merenda escolar (Dona Maria, vendedora de farinha).

As línguas são diferentes. Os políticos dizem uma coisa, as pessoas dizem outra. Há muitos políticos que não deviam ser porque nem sequer estudaram, então como podem administrar dinheiro, fazer melhorias para o povo? A Bíblia deveria ser mais lida (Seu Francisco, vendedor).

É a beira, portanto, que reinventa os seus espaços e traz novos significados para a vida desses sujeitos insólitos que, diariamente, ajudam a incrementar metáforas, falares, cheiros, gostos, sentimentos, relações de amor e ódio, trabalho; ingredientes que, em meio à natureza amazônica, configuram um pedaço da diversidade sociocultural brasileira. Tudo isso acontece sem formalidades, sem aparências, com muita naturalidade.

Considerações finais

A beira de Abaetetuba constitui-se, sem sombra de dúvidas, num importante espaço de produção da vida, do trabalho e da

cultura local. Traduz-se como um *locus* de ricas interações sociais, troca de saberes e reflexões dos principais temas que interferem no cotidiano das sociedades contemporâneas, sobretudo a violência, a educação, a política e a economia. Num espaço comunal, que aglutina, simultaneamente, sujeitos de diferentes origens sociais, o protocolo da formalidade, que quase sempre funciona como componente inibidor, não existe.

No mesmo espaço onde as águas funcionam como estrada, alimento, vida e bálsamo para manter a vivacidade dos produtos agrícolas, estas mesmas águas, em interação com a floresta, geram a biodiversidade, que, transformada em sabores, cheiros, utensílios, remédios, comida e renda, reinventa cotidianamente a vida dos homens e mulheres desse ponto da Amazônia.

Assim, é crucial que os gestores percebam o valor que a beira representa para o desenvolvimento e a manutenção da economia e cultura locais. Em detrimento das fragilidades apontadas pelos entrevistados e também aquelas observadas durante a pesquisa, é fundamental a formulação e implementação de políticas públicas que ajudem a melhorar esse espaço público municipal. A falta de limpeza, o problema da segurança e organização, os crimes ambientais e a ausência de incentivos por parte do poder local se constituem como os principais entraves para a simultânea preservação e desenvolvimento desse espaço.

Se, por um lado, a cultura de comer bichos da floresta está presente na vida dos sujeitos que nela vivem, o que é normal, sobretudo nas populações tradicionais, há que se pensar se cabe esta prática nos espaços comerciais urbanos, em que talvez esse comportamento funcione mais como uma "outra" necessidade, aquela que está longe de ser uma questão de sobrevivência.

Agradecimentos

Aos diversos atores da beira de Abaetetuba, que, com muita simpatia, me ajudaram a entender um pouco do cotidiano desse espaço de festa, trabalho e intensas interações sociais. Aos alunos do Curso de Pedagogia da turma 2007 da UFPA (Campus Univeristário de Abaetetuba), que me auxiliaram na compreensão de alguns termos. À Juciléa, pela concessão de diversos materiais informativos sobre variados aspectos de Abaetetuba. Aos dois revisores anônimos, pelas importantes sugestões ao manuscrito.

Referências

- AUGÉ, M. 2007. *Não-lugares: Introdução a uma antropologia da super-modernidade*. 6ª ed., Campinas, Papirus, 111 p.
- BENSUSAN, N. 2006. *Conservação da biodiversidade em áreas protegidas*. 1ª ed., Rio de Janeiro, Editora FGV, 176 p.
- GEERTZ, C. 1997. *O saber local: novos ensaios em antropologia interpretativa*. Petrópolis, Vozes, 366 p.
- GODOY, W.I.; ANJOS, F.S. 2007. A importância das feiras livres ecológicas: um espaço de trocas e saberes da economia local. *Revista Brasileira de Agroecologia*, 2(1):364-367.
- LESSA, S.; TONET, I. 2008. *Introdução à filosofia de Marx*. 1ª ed., São Paulo, Expressão Popular, 128 p. (Série Debates e Perspectivas).
- MASCARENHAS, G. 2005. Feiras livres: informalidade e espaços de sociabilidade. In: COLÓQUIO INTERNACIONAL COMÉRCIO, CULTURAS E POLÍTICAS PÚBLICAS EM TEMPOS DE GLOBALIZAÇÃO, Rio de Janeiro, 2005. *Anais...* Rio de Janeiro. Disponível em http://www.ess.ufrj.br/site_coloquio/mesa2_05.pdf, acesso em 05/12/2008.
- MACHADO, J. 2008. *O município de Abaetetuba: geografia física e dados estatísticos*. Abaetetuba, Edições Alquimia, 24 p.
- MALINOWSKI, B. 1978. *Argonautas do Pacífico Ocidental: um relato do empreendimento e da aventura dos arquipélagos da Nova Guiné Melanésia*. São Paulo, Abril Cultural, 436 p.
- MARTINS, J.B. 1996. Observação participante: uma abordagem metodológica para a Psicologia escolar. *Semina: Ciências, Sociedade e Humanidade*, 17(3):266-273.
- MURRIETA, R.S.S.; BATISTONI, M.; PEDROSO JR., N.N. 2004. Consumo alimentar e ecologia em populações ribeirinhas na região da Floresta Nacional de Caxiuanã (PA). *Boletim Rede Amazônica*, 3(1):85-94.
- MURRIETA, R.S.S.; BAKRI, M.S.; ADAMS, C.; OLIVEIRA, P.S. de S.; STRUMPF, R. 2008. Consumo alimentar e ecologia de populações ribeirinhas em dois ecossistemas amazônicos: um estudo comparativo. *Revista de Nutrição*, 21(Suplemento):123s-133s.
- PASTORAL DO MENOR DE ABAETETUBA. 2008. Disponível em <http://www.pastoraldomenorabaete.org.br>, acesso em 18/10/2008.
- SAYAGO, D.; BURSZTYN, M. 2006. A tradição da ciência e a ciência da tradição: relações entre valor, conhecimento e ambiente. In: I. GARAY; B.K. BECKER (orgs.), *Dimensões humanas da biodiversidade: o desafio de novas relações sociedade-natureza no século XXI*. Petrópolis, Editora Vozes, p. 89-109.
- SATO, L. 2007. Processos cotidianos de organização do trabalho na feira livre. *Psicologia e Sociedade*: 19(edição especial 1):95-102.
- SANTOS, A.R. dos. 2005. A feira livre da Avenida Saul Elkind em Londrina - PR. *Geografia - Revista do Departamento de Geociências*, 14(1):145-160.
- YOUNÉS, T.; GARAY, I. 2006. As dimensões humanas da biodiversidade: o imperativo das abordagens integrativas. In: I. GARAY; B. BECKER (orgs.), *Dimensões humanas da biodiversidade: o desafio de novas relações sociedade-natureza no século XXI*. Petrópolis, Editora Vozes, p. 57-72.

Submetido em: 21/12/2008

Aceito em: 16/04/2009